Pecados Santos contém palavras e expressões em hebraico, que nesta edição surgem transliteradas para o alfabeto latino na respetiva grafia inglesa para uma mais fácil compreensão das mesmas, podendo não corresponder à grafia específica de certas comunidades judaicas.

O livro integra excertos da Tora traduzidos de forma livre pelo autor a partir da edição norte-americana de *The Torah – The Five Books of Moses*, Jewish Publication Society of America, 1962. Para uma plena interpretação dos textos em causa, deverá ser lida a versão original.

Pecados Santos é uma obra de ficção inspirada em acontecimentos verídicos e bíblicos. Contudo, as personagens que nela aparecem foram criadas pelo autor. As ações e opiniões que expressam não devem ser confundidas com as personalidades reais a que correspondem. O mesmo se aplica às entidades e comunidades religiosas referidas no livro.

Preâmbulo

Serpentine Lodge, Hyde Park, Londres, Reino Unido

Fim do verão de 2004

Não foi a garganta cortada ou o sangue ainda quente e espesso que manchava o manto azul depositado sobre a cabeça da jovem que mais chocou o polícia que encontrou o corpo. Mas sim o objeto que estava na mão da pequena criança morta deitada no seu regaço. Era uma romã.

O homem conteve as náuseas e abandonou o quarto em busca da outra vítima. Pela primeira já nada poderia ser feito. O padrão confirmara-se. Tinham descoberto o ninho do assassino. Um homicida sem rosto matara de novo e não mostrara qualquer espécie de clemência. O cenário repetia-se, o simbolismo era inegável. A mulher. O menino. Maria.

Passos em surdina percorreram o soalho antigo do corredor. Focos de luz rasgavam as trevas que envolviam o chalé a partir da rua. Um silêncio angustiante sufocava os agentes. Ninguém respirava. Existia um cheiro a óbito no interior da velha casa dos guardas do parque. Mais alguém morrera ali dentro naquela noite.

A porta de madeira sucumbiu com facilidade. A escuridão dissolveu-se lentamente perante os olhos do polícia. Uma figura nua encontrava-se deitada de costas sobre um colchão velho e deteriorado. Molas enferrujadas percebiam-se à superfície, fundindo-se com a espuma e o algodão. Era o berço de um cadáver.

O homem avançou para dentro do quarto e voltou-o para si. Do sexo masculino, o rosto mostrava feições diferentes das que imaginara. Não apresentava traços grotescos ou tenebrosos como pensara ser os de um monstro. Porém, belos, alvos como o retrato imortal de um anjo.

A esquadra foi informada de que o corpo do homicida havia sido encontrado. A ferida profunda que evidenciava no abdómen rapidamente lhe roubara a vida. O seu legado terminara. Onze mulheres e crianças barbaramente assassinadas. Restava-lhes descobrir a derradeira vítima, a décima segunda, tal como ele lhes prometera na última carta que lhes enviara.

O agente ouviu o rádio que trazia preso à cintura debitar novas palavras de ordem. Doeram-lhe, queimando-o por dentro. Resignado, com o coração em sobressalto, respirou fundo, abandonou o quarto e regressou ao corredor. O desconhecido assustava-o. Receava o que ainda poderia vir a encontrar. Nada consegue ultrapassar o mal que um ser humano é capaz de infligir a outro.

O homem colocou a mão sobre a maçaneta da última divisão da casa e fê-la rodar. Percebeu um vulto no interior. Permanecia sentado, imóvel a um canto, certamente morto. Acionou o interruptor e uma luz branca, crua, jorrou sobre o corpo. Tratava-se de uma mulher, jovem ainda. Os olhos castanhos estavam abertos e fixos, vítreos. Uma das mãos encontrava-se pousada sobre o ventre ferido, enquanto a outra agarrava um pedaço de metal com rigidez. As pernas tinham ficado abertas, estendidas sobre uma poça de sangue.

O polícia exalou e sentiu o fatídico ónus da morte cair sobre si. Fracassara uma última vez. Ajoelhou-se perante ela e baixou-lhe as pálpebras num gesto de compaixão. A vítima morrera a defender-se. Merecia todo o seu respeito.

A mulher abriu os olhos de repente e fixou-o, assustada.

Estava viva.

The City, Londres, Reino Unido
Sabat Comemorativo da Fundação da Sinagoga de Bevis Marks

Treze Anos Depois

O rosto ensanguentado do rabino Samuel estremeceu de horror ao ver o corpo inanimado do menino ser depositado ao seu lado. Um pânico profundo deformava-lhe o rosto de um modo quase animalesco. Os olhos escuros pestanejavam rapidamente, lavados por lágrimas, e a vida escorria-lhe como riachos vermelhos por entre os lábios, ensopando a barba morena.

O líder da comunidade judaica tentou pedir socorro quando o assassino lhe fechou os dedos em torno do cabo de uma adaga e começou a manipular-lhe os braços. Não foi capaz. O potente tranquilizante que lhe havia sido administrado impossibilitava-o de se defender. O cérebro parecia ser o único órgão que respondia. E falava consigo através de gritos angustiados. O que iria acontecer àquele pequeno anjo? Estaria ele prestes a assistir à morte do seu próprio filho?

Uma das mãos foi posicionada sobre o pescoço da criança, como se estivesse a impedi-la de se debater. A outra, a que segurava o punhal, ficou junto ao tronco despido do menino. Dormia profundamente, dopado até ao limiar da vida, e a pele imaculada da barriga ondulava com serenidade ao sabor da respiração regular.

O assassino voltou-se de costas e colocou-se de cócoras. Um som árido quebrou por momentos a mudez sepulcral que inundava

o edifício centenário da sinagoga, ao mesmo tempo que os dedos enluvados abriam o fecho de correr de um saco de viagem preto. Trabalhou em silêncio, com método, até que se virou de novo. Contemplou o filho e o pai deitados sobre o tampo escuro da secretária.

O rabino esbugalhou os olhos ao ver a cabeça decepada de um porco ser colocada junto a ele. Seguiram-se umas asas de papel mais abaixo. E foi então que começou a ser salpicado de sangue.

O assassino recolheu a mala e afastou-se em direção aos degraus da plataforma. A última pincelada estava dada e o resultado era uma obra-prima. Um sacrifício milenar, o grande testemunho da fé divina, encenado por um profeta do nosso mundo. Não havia maior ato de apostasia.

A morrer devagar devido à hemorragia interna de que padecia, Samuel tentou manter-se consciente enquanto o viu percorrer a escada e dirigir-se aos candelabros. Já anoitecera lá fora e um tom dourado tomou conta do antigo refúgio sefardita à medida que estes foram acesos.

O rabino ouviu vozes no exterior e estremeceu outra vez, dominado por um último ataque de espasmos. As pessoas estavam a chegar. O *sabat* iniciar-se-ia em breve. Tratava-se de uma ocasião especial, comemorativa, à qual se seguiria um jantar festivo no salão. Juntos, ele e a comunidade iriam celebrar o dia de descanso. Não marcaria presença pela primeira vez desde que assumira a liderança da congregação. Mas o Criador esperava por ele; já conseguia vê-Lo. O seu único consolo era o rosto angelical do filho adormecido ao pé de si.

O assassino dirigiu-se às portas de madeira sem voltar a olhar para trás. Completamente vestido de negro, a cabeça coberta por uma balaclava, continuou a andar em passos decididos, transpôs o vestíbulo e saiu. Não sentia remorsos. Pelas costas, o templo judaico resplandecia. A luz que emanava dos candelabros e castiçais pintava de dourado os doze pilares que sustentavam a casa divina, símbolo das doze tribos hebraicas. No meio, sobre a *bimah* – a plataforma da liturgia –, um homem cumpria o sacrifício divino. E ao fundo,

distantes junto à parede que dava para Jerusalém, as portas da Arca da Aliança estavam abertas. Tinham os Dez Mandamentos escritos nas tábuas de madeira e no seu interior, os rolos de pergaminho da Tora — o livro santo da fé judaica — eram velados de perto pela *ner tamid* ou luz eterna. A Santa Congregação dos Portões do Céu estava finalmente pronta para acolher os filhos de Israel e começar o serviço religioso.

Que Aquele que fez a paz no céu também a fizesse para todos eles.

Livro Primeiro

Génesis – *Bereshit*

No Início

Eles ouviram o Senhor Deus movimentar-se no jardim à frescura do dia e o homem e a mulher esconderam-se do Senhor Deus por entre as árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?» E ele respondeu: «Ouvi-te no jardim e, cheio de medo, escondi-me, porque estou nu.» Ele perguntou-lhe: «Quem te disse que estás nu? Comeste, porventura, da árvore da qual te proibi de comer?» O homem respondeu: «Foi a mulher que trouxeste para junto de mim. Ela ofereceu-me da árvore e eu comi.» Então, o Senhor Deus perguntou à mulher: «Porque fizeste isso?» A mulher respondeu: «A serpente enganou-me e eu comi.»

Tora
Génesis 3, 8-13

Faculdade de Estudos Orientais e do Médio Oriente, Universidade de Cambridge, Reino Unido

29 de outubro de 2004

No início, os alunos nem sequer notaram quando entrou na sala de aula. O professor pousou uma pasta de cabedal já coçado entre a cadeira e a secretária, e arrumou-a com modos educados. Ligou o projetor de diapositivos e limitou-se a observar a pequena audiência que tinha defronte enquanto aguardava que a máquina arrancasse. Não aclarou a garganta ou chamou a atenção de qualquer outro modo. Manteve-se simplesmente em silêncio e esfregou um dos olhos, aflito, apesar do típico dia de outono inglês, escuro e a ameaçar chuva. Sentia um ardor persistente desde o arranque do período letivo e o burburinho excitado que voava pelo ar só intensificava sobremaneira a pungente dor de cabeça que se lhe juntara entretanto.

A notícia de que Arafat, o líder da OLP, a Organização para a Libertação da Palestina, acabara de ser internado num hospital localizado nos subúrbios de Paris incinerara os blocos informativos durante toda a manhã como uma bomba de napalm. Os especialistas multiplicavam-se em comentários nas principais estações televisivas. Eram unânimes, contudo. Yasser, ou Yassir, a carinhosa alcunha, sinónimo de «descontraído», com que Mohammed Abdel Raouf Arafat al Qudwa al Husseini, o seu verdadeiro nome, fora batizado ainda em adolescente, sofria, segundo fontes oficiais, de diarreia,

vómitos e dores abdominais generalizadas, consequência de uma grave falha renal. Era um rumor substancialmente credível que não deveria durar muitos mais dias. A luta terminara para o codetentor do Prémio Nobel da Paz de 1994. O sempre transitório equilíbrio do Médio Oriente chegara de novo à orla do precipício. E aqueles rapazes e raparigas cheios de sonhos, apesar de jovens e idílicos, tinham plena consciência de estarem a viver um dia histórico — dos que mudam a face do mundo.

Os murmúrios desvaneceram-se de forma gradual até se extinguirem. Os caloiros focavam-se, curiosos, na imagem projetada sobre a tela branca. Tratava-se de um quadro a óleo. Um idoso calvo, de barba branca, a segurar um punhal com uma mão e uma criança nua que se debatia com a outra, encontrava-se perante eles. Acompanhava-os a cabeça de um carneiro e um anjo.

Alguns metros à frente, bem real, repararam, enfim, na figura expectante de um homem. Nunca o tinham visto. Deveria ter trinta e alguns anos, talvez. As vestes eram simples. O corpo, seco e magro. E o cabelo, forte, encaracolado e castanho, tal como a cor dos olhos. Que, apesar de avermelhados, transmitiam uma estranha serenidade. O professor examinava-os um a um, embora não com recriminação ou austeridade, mas de uma maneira simplesmente analítica, como um arquiteto que esboçasse os últimos traços de um projeto que em breve se tornaria lendário. De nítidas feições europeias, aparentava não ser britânico e a sua presença naquela sala de aula podia resumir-se em apenas uma palavra — desarmante.

— Agora que consegui chamar a vossa atenção — começou ele, sem se apresentar —, quem é capaz de me dizer que quadro é este?

Os alunos voltaram a sussurrar entre si e alguém pronunciou timidamente o nome de Caravaggio.

— Não me refiro ao autor — esclareceu o docente. — Peço-vos que vão além da obra e que reflitam sobre o que significa. Porque é importante? Que relevância poderá uma pintura renascentista ter no complexo panorama político do Médio Oriente contemporâneo?

A curiosidade inaugural deu lugar a alguma confusão. A turma inicial de Estudos Médio-Orientais entreolhou-se. Não só lhes tinha

sido atribuído um novo professor, como começavam a ficar com a sensação de estarem no limiar de uma lição bem diferente.

— Chamo-me Afonso Catalão e não *Catalon*, como alguns dos vossos colegas mais velhos têm o mau hábito de me interpelar — explicou ele, apoiado por uma voz segura. O tom era, contudo, afável, e o sotaque, imaculado. — Sou português e não espanhol. Nasci no Alentejo, uma região rural no Sul do meu país, onde a calma e autenticidade da sua gente é normalmente motivo de piadas nacionais. Não julgo que seja o meu caso, no entanto. Considero-me sério e grave por natureza, orgulho-me do meu percurso académico e estou aqui hoje, diante de vós, na qualidade de novo responsável por esta cadeira introdutória, em substituição do Dr. John Petterson, ausente a representar a faculdade num intercâmbio.

Os olhares da audiência oscilaram entre ele e o quadro a óleo projetado nas suas costas.

— Vamos começar a aula, então — continuou o professor, sem hesitar. Virou-se ligeiramente de lado, para o Caravaggio, sem, contudo nunca perder o contacto visual com os alunos. E rematou:

— Bem-vindos ao *Sacrifício de Abraão*.

Faculdade de Estudos Orientais e do Médio Oriente, Universidade de Cambridge, Reino Unido

29 de outubro de 2004

— Peço-vos que pensem num judeu que cresceu em Nova Iorque, num cristão criado em Roma ou num muçulmano oriundo de Jacarta — sugeriu Afonso, movimentando-se com à-vontade no meio das carteiras dos caloiros. — Certamente concordarão comigo quando digo que deverão ter tido infâncias muito diferentes.

O professor permitiu-se fazer uma pequena pausa, certificando-se de que todos se focavam nele. Os alunos dividiam-se entre aqueles que pestanejavam de forma constante, atentos, e os que levantaram ligeiramente a cabeça dos cadernos, mantendo o bico da caneta apontado às folhas, ávidos por colocar em papel tudo o que conseguissem registar.

— Pois bem — prosseguiu ele. — Há, ainda assim, algo que possuem em comum. Refiro-me essencialmente a um conjunto de referências com origem no passado cultural e religioso que partilham de forma tão irremediável quanto inconsciente. Estou a falar de nomes como Abraão, Moisés, Maomé e, sobretudo, Jerusalém e a Terra Santa.

»A história conta-nos que desde a altura em que as tribos hebraicas, conduzidas por um dos grandes profetas do judaísmo — Moisés, precisamente —, foram salvas da escravidão no Egito,

há cerca de três mil anos, e vaguearam pelo deserto até regressarem à sua Terra Prometida, que esta região é a zona mais disputada do mundo. Quase todos os grandes impérios ocidentais lutaram por lá, o que resultou num extraordinário legado de antigas ruínas, igrejas e palácios que todos nós sonhamos ter um dia a oportunidade de visitar. Mas as opiniões dividem-se acerca do modo como os Hebreus terão reconquistado a terra dos Filisteus, a Palestina. Terá sido através de duras e sangrentas batalhas ou por meio de uma bem-sucedida infiltração pacífica?

»Todavia, há algo que não pode ser negado. A própria doença de Yasser Arafat, hoje de manhã tornada pública, poderá ter repercussões inimagináveis sobre isto. Vários milhares de anos depois, persistem as tentativas de levar a paz ao reino do céu. — Com os olhos cada vez mais límpidos, claramente a entusiasmar-se, o professor voltou a parar de circular, apenas para intensificar o impacto das palavras que proferiu de seguida:

— Tal como os ciclos de disputas e conflitos.

»O que vos proponho nesta cadeira é que analisemos as sementes bíblicas desta discórdia ancestral. Enquanto alunos de Estudos Orientais, espero que passem a tratar a Tora e o Alcorão, os livros sagrados do judaísmo e do islamismo, respetivamente, como os vossos melhores amigos. Considerem-nos as únicas leituras obrigatórias. E que hoje nos debrucemos não na beleza exótica desta região única, mas num homem, numa aliança, e numa promessa. Pergunto-vos — concluiu Afonso, com um gesto largo que terminou na direção do Caravaggio —, quem foi Abrão, o pastor a quem Deus ordenou que matasse o próprio filho?

O silêncio acanhado que se gerou foi quebrado por uma voz tímida.

— Um profeta? — gemeu um rapaz, mais em jeito de pergunta, do que propriamente de uma afirmação.

— Muito além disso — corrigiu-o o professor. — Abrão, e reparem na diferença, por favor, foi o primeiro monoteísta. Diz-nos o Génesis que Deus apareceu a este ancião, vivia ele com a esposa, Sarai, na localidade de Ur, sita no atual Iraque, e pediu-lhes que

migrassem para a Terra de Canaã, onde prometeu fazer dos dois e da sua descendência um grande povo, tão numeroso quanto as estrelas do céu.

»Este pequeno passo, o de seguir a voz do seu Deus, apesar de se basear numa oferenda de difícil concretização, já que o casal era idoso e, como tal, a conceção seria improvável, estabeleceu este simples pastor como o primeiro monoteísta da nossa História. De uma forma mais simbólica, tratou-se de um homem que largou praticamente tudo o que lhe era familiar e deu um passo na direção do vazio, abandonando uma fé que na altura era plural, abraçando, assim, uma nova forma de viver. Deus foi ainda mais longe e mudou o nome de ambos. Relembro que, no judaísmo, o nome faz parte da identidade pessoal de cada um. Abrão passou a chamar-se Abraão, o que significa «pai de muitos». E Sarai foi transformada em Sara, *A Princesa*.

»A Terra de Canaã tem tido várias designações ao longo do tempo. Terra de Israel e Judeia segundo a Bíblia hebraica; Judeia e Síria Palestina para os Romanos; Síria e Palestina no mundo árabe; ou apenas Terra Santa, a Palestina. Mas de um modo simples corresponde às fronteiras daquilo que hoje se designa pelo Estado de Israel.

»Ora – alvitrou o professor Catalão, assumindo um tom de voz conspirativo, que mais se assemelhava ao de um narrador de um *thriller* de ação histórica –, chegados à Terra de Canaã, a sua Terra Prometida, onde se instalaram e passaram a tratar do rebanho, a frustração tomou conta da esposa de Abraão, que, por não conseguir dar-lhe um filho, lhe pediu que se deitasse com a sua escrava, Agar. Da relação extraconjugal nasceu Ismael, o primogénito do pastor, que persistiu como seu único descendente durante vários anos até Deus voltar a falar de novo consigo. Não só renovou a aliança estabelecida, como lhe prometeu mais uma vez que ele e a mulher iriam ter sucessão, exigindo-lhe, contudo, que se circuncidasse, bem como a toda a sua descendência. E foi assim que nasceu Isaac.

»Sara, já mãe, roeu-se de ciúmes de Agar e exigiu ao marido que expulsasse a escrava e o filho. Abraão acabou por aceder e afastou-os da Terra Prometida. Esta pequena história cheia de sexo, traição

e inveja, foi o início de parte do conflito que ainda hoje divide o Médio Oriente, Israel e a Palestina em particular. Alguém consegue explicar-me porquê?

Um dos caloiros apressou-se a copiar o último parágrafo dos apontamentos acabados de tirar pelo colega do lado e levantou a cabeça, aturdido. Perdera-se.

— O judaísmo foi fundado por Abraão e o islamismo por Maomé — ouviu-se dizer a voz jovial de uma rapariga, escondida algures no meio da sala de aula. — No entanto, relatam-nos a Tora e o Alcorão, respetivamente, que judeus e muçulmanos são descendentes diretos de Abraão através das linhas dos seus dois filhos, Isaac e Ismael.

— Exato. Abraão não foi apenas um profeta ou o primeiro monoteísta. Este simples pastor é também o patriarca destas duas grandes nações, a judaica e a muçulmana, o que faz destes dois povos, primos, o primeiro dos quais, por ser o herdeiro legítimo, se considera escolhido por Deus e com um direito divino à terra que lhes foi prometida.

»Ser judeu é sentir que se pertence a um povo, a quem o Criador jurou abençoar a respetiva sucessão e amaldiçoar todos os seus inimigos. «Dá esta terra aos teus descendentes!» Génesis, capítulo 12, versículo 7 — bradou Afonso, de punho cerrado e erguido no meio da sala de aula, como se tivesse a sua própria mão cheia dela, contente por alguém estar a conseguir acompanhar o seu raciocínio. — E se repararmos que Israel significa, na verdade, aquele que se debate ou questiona Deus, para os judeus, os muçulmanos, que se prostram ou vergam perante esse mesmo Deus, não passam, ao fim e ao cabo, de bastardos.

O professor calou-se de novo, permitindo que os alunos terminassem as notas e interiorizassem o significado das suas palavras. Vendo o garatujar das canetas a abrandar, caminhou de regresso ao quadro.

— Mas diz-nos também a História que a fé deste povo nasceu para ser testada — continuou ele, apontando na direção da pintura a óleo. — Aparecendo de novo a Abraão, Deus exigiu-lhe que pegasse em Isaac, o levasse até ao monte Moriá e aí o sacrificasse, mostrando

assim a verdadeira dimensão da sua crença. O homem, pesaroso, agarrou no cutelo e lá foi. Porém, no último instante, antes do idoso esfaquear o corpo despido do filho, Deus enviou um mensageiro, que o demoveu, oferecendo-lhe um cordeiro em troca.

»Este ato de uma crueldade desumana é considerado o derradeiro gesto de fé e ainda hoje marca a vida da Terra Santa e do judaísmo.

O povo hebreu, depois de ser salvo do exílio no Egito e de reconquistar a sua terra prometida aos Filisteus, resolveu construir um templo onde guardar a Arca da Aliança, o recetáculo original das tábuas dos Dez Mandamentos escritas por Moisés. E onde é que este ficou localizado? — Afonso não deixou ninguém responder. — No monte Moriá, na cidade de Jerusalém. Estávamos, então, no reinado de Salomão, filho de David, o mesmo que lutou contra Golias.

»Com a morte do rei sábio, a sucessão não correu bem e a Terra Prometida acabou por cair nas mãos dos Assírios, mais tarde dos Babilónios e, por fim, dos Persas, que permitiram aos judeus regressar à cidade santa. Estes decidiram, assim, erigir um novo templo no lugar do antigo, ainda mais imponente do que o seu antecessor. Mas a paz durou pouco e o império macedónio de Alexandre, *o Grande*, conquistou Jerusalém e consagrou o templo a Zeus. Liderados por Judas Macabeus, os Hebreus revoltaram-se. Pediram ajuda aos Romanos, a potência militar emergente, e assim se constituiu a província romana da Judeia por volta do ano 63 antes de Cristo. Herodes foi nomeado rei da Palestina e decidiu construir um muro como reforço do templo judaico. — O professor mudou o diapositivo. A fotografia de uma parede enorme feita de pedra, com pessoas vestidas de negro junto à base e uma cúpula árabe por cima, foi projetada na tela. — E deste modo nasceu o Muro Ocidental ou das Lamentações.

»Após a morte do rei Herodes, a província passou para administração direta dos Romanos, que a carregaram de impostos. Descontentes, os Hebreus revoltaram-se e, ao longo de alguns anos, as disputas continuaram, tendo essencialmente dois resultados. Um foi a conquista definitiva de Jerusalém pelos Romanos, que passaram a designar a cidade por Aelia Capitolina. O outro foi a expulsão

dos judeus da Terra Santa e a destruição do segundo templo. Por ser o único vestígio desse local sagrado, o Muro Ocidental é, hoje em dia, o símbolo maior do judaísmo.

»Mas depois da divisão do império romano em dois, Jerusalém passou a ser parte integrante do bizantino, que, entretanto, se convertera ao cristianismo. A cidade conheceu, assim, um período de expansão e de substancial liberdade religiosa. No entanto, rapidamente mudou de mãos ao ser conquistada pelo exército árabe, que acreditava ser ali, exatamente sobre a mesma pedra onde Abraão quase sacrificara o próprio filho, que Maomé ascendera ao céu e embarcara na viagem noturna. Não perderam tempo. Substituíram as ruínas dos templos judaicos por duas mesquitas — a El-Aqsa e a da Cúpula do Rochedo —, formando aquilo que hoje em dia é conhecido pela Esplanada das Mesquitas, situada exatamente por cima do grande símbolo hebraico, o Muro Ocidental.

Um aluno louro, de olhos verdes e sem barba, oscilou o tronco na cadeira, baloiçando-se para a frente e para trás, ao mesmo tempo que coçava o cabelo cortado muito curto. Parecia completamente deslumbrado. O professor Catalão continuou:

— O domínio muçulmano estendeu-se durante vários séculos, os quais compreenderam inclusivamente o período das cruzadas, que tentaram reconquistar Jerusalém, também ela uma cidade com um significado particular para os cristãos, pois foi lá que Jesus morreu e ressuscitou. Mas só terminou efetivamente com a Primeira Guerra Mundial. No fim do conflito, os Turcos, aliados dos Alemães, herdeiros da supremacia sobre a Terra Santa através do legado que lhes foi deixado pelo império otomano, tiveram de a entregar aos ingleses. E a Liga das Nações ratificou a administração britânica, que criou ainda um emirado em torno de Amã, o qual se haveria de tornar mais tarde na Jordânia. Nesta altura, viviam lá mais de 500 mil árabes e apenas 85 mil judeus. O panorama mudou drasticamente com o Holocausto. Milhares de judeus regressaram à antiga Terra de Canaã, em busca de refúgio da perseguição de que eram alvo na Europa, e depois da Segunda Grande Guerra ficou decidido que o destino da Palestina seria entregue à recém-fundada ONU, que em

1947 votou a partição do território em dois estados — um árabe e outro judaico. Jerusalém ficaria sob administração internacional.

»Contudo, a decisão foi polémica. A quem pertencia, afinal, a Terra Santa? Aos muçulmanos, que a ocuparam durante quase um milénio e meio, ou aos Hebreus, descendentes diretos de Abraão, o povo a quem ela foi prometida?

»Isto traz-nos até 14 de maio de 1948, exatamente um dia antes de terminar a soberania britânica. Quem sabe o que aconteceu nesta data? — perguntou Afonso, ciente de que a resposta seria, daquela feita, mais imediata. Chegara à História recente, algo que dizia bem mais aos jovens alunos que tinha diante de si do que os sempre confusos episódios bíblicos.

— Isso mesmo! — respondeu ele de novo à voz que já antes havia deduzido o seu raciocínio corretamente. — Ben Gurion foi à rádio, leu a proclamação da independência e declarou o nascimento do Estado de Israel.

»A ONU até o reconheceu, mas logo no dia seguinte, seis países vizinhos — o Líbano, a Síria, o Iraque, a Jordânia, a Arábia Saudita e o Egito — uniram-se e invadiram a Palestina, decididos a acabar com o novo Estado de Israel. Esta guerra ficou conhecida no mundo árabe como *A Catástrofe* e o resultado foi a criação da faixa de Gaza, um pequeno enclave muçulmano localizado no Sul do país sob controlo do Egito, bem como a divisão de Jerusalém em duas através da linha verde, ficando os bairros orientais e a cidade velha sob domínio jordano.

»Alarmado pela forte presença militar egípcia junto aos seus limites territoriais, Israel lançou um ataque preventivo em 1969 e em apenas seis dias conquistou, entre outros, a faixa de Gaza e os montes Sinai ao Egito, a Cisjordânia à Jordânia e, por fim, toda a Jerusalém. Dois mil anos depois, os judeus reclamavam outra vez a soberania sobre a terra prometida por Deus. Mas o confinar da nação árabe ao território de Gaza e cisjordânico revelou-se um preço caro a pagar. Não só conduziu a um autêntico desastre humanitário, como deu origem à OLP, o que nos leva aos mísseis, muros, raides e *bunkers*, como vocês tão bem sabem.

O professor Catalão olhou casualmente para o relógio de pulso e caminhou até ao projetor. Desligou-o. A aula terminara.

— Quero a árvore genealógica dos filhos de Abraão, Isaac e Ismael, até à quarta geração, e duas mil palavras sobre como a divisão da linha sucessória do primeiro monoteísta se repercutiu no atual panorama geopolítico do Médio Oriente em cima da minha secretária na próxima semana — anunciou Afonso.

— Mas... mas... — começou o mesmo rapaz do cabelo rente. — Para tal, vamos ter de ler a Tora! — exclamou, aflito.

— E o Alcorão — acrescentou o docente, com um ar sério, próprio de quem não estava a brincar.

Os caloiros levantaram-se devagar, uns mais contrariados do que outros, até começarem a abandonar a sala. O professor Catalão procurou alguns apontamentos no interior da sua velha mala de cabedal que já trouxera de Lisboa e fez-se também ele à saída. Foi então que reparou numa jovem de ar fresco e cabelo negro, escorrido e brilhante, que permanecia sentada, observando-o, concentrada. A rapariga tinha os lábios contraídos numa linha, disfarçando mal um pequeno sorriso agradado. Era a mesma que por duas vezes havia completado o seu raciocínio.

Afonso desviou a atenção, não querendo cruzar a sua com a dela.

Mas não foi a fixação da aluna que o fez ruborizar.

Sim, a recordação daqueles olhos azuis grandes e cristalinos, os que herdara da mãe, Judite, a primeira e única mulher que até então amara.

Faculdade de Estudos Orientais e do Médio Oriente, Universidade de Cambridge, Reino Unido

29 de outubro de 2004

— Desculpe-me, não foi minha intenção embaraçá-lo — apressou-se a jovem a justificar, levantando-se da secretária.

Afonso murmurou algo impercetível, acenou com a cabeça e dirigiu-se à porta. Sentia-se subitamente afogueado.

— É que eu gostei imenso da aula e queria dar-lhe os meus parabéns. Foi a melhor a que assisti desde o princípio do *Michaelmas*.

A rapariga referia-se ao período inicial do ano letivo. A Universidade de Cambridge organiza-o em trimestres, de oito a nove semanas cada um, sendo este o primeiro, desde outubro até ao começo de dezembro. Os restantes são *Lent* e *Easter*, entre janeiro e março, e abril e junho, respetivamente.

— Mas é que a minha mãe tinha toda a razão, por mais que me custe admiti-lo — riu-se a jovem, indo atrás dele no corredor. — O professor Catalão tem uma mente prodigiosa. Nunca me tinham explicado o conflito israelo-árabe daquela forma. Judite Reis, recorda-se?

Afonso não deixou de caminhar, nem sequer quando um colega mais velho o cumprimentou com curiosidade, passando por si, ao vê-lo a ser perseguido por uma caloira. Era o diretor do departamento. Acabou por desvalorizar o facto. Lutava por disfarçar

o reconhecimento. Não necessitava do nome. Os olhos que a filha roubara à mãe bastavam-lhe.

— Sim, julgo que sim — admitiu, fazendo um ar todavia pouco interessado. — Da minha juventude no Alentejo, será?

— Isso mesmo. Os meus bisavôs são de lá e a minha mãe costumava ir visitá-los nas férias. Passava a temporada toda com eles e contou-me que gostava imenso de conversar e passear consigo.

Afonso pestanejou, aflito. O ardor regressara e os olhos recordavam agora a beleza de uma mulher sentada com ele junto a um fino curso de água; os dedos trémulos e inexperientes dele a afagarem um dos seios nus dela.

— Tenho uma vaga ideia. Como é que está a Judite? — esforçou-se por compor a voz.

— Bem, vive em Kensington com o meu pai — explicou a rapariga, aludindo a um dos melhores bairros de Londres. — Hannah Reis Campbell, já agora — apresentou-se.

O professor estacou no meio do corredor, enquanto alguns alunos passavam por si, e olhou para a mão delicada que lhe era estendida. Sem conseguir explicar bem porquê, apertou-lha. Demorou-se mais do que o recomendável no brilho e na juventude que emanavam diante dele.

— Aquele é o meu irmão — acrescentou ela, apontando para alguns metros atrás. — Chama-se Jonathan. Somos gémeos. Estamos juntos no curso.

Afonso esboçou um meio sorriso e acenou na direção de um rapaz de físico seco e ar tímido que se mantinha vigilante, encostado à parede. Possuía caracóis largos e revoltos, ao contrário das melenas lisas da irmã. Além desse pormenor, a semelhança entre ambos era evidente.

— Envie os meus cumprimentos à sua mãe — respondeu, a tentar mascarar a amargura. A sua Judite casara-se, tinha dois filhos inteligentes e bonitos, e era feliz ao lado de um marido de boas posses, não muito longe dali.

Hannah viu-o afastar-se enigmaticamente. Os colegas mais velhos já lhe haviam contado uma história ou outra sobre ele.

O temperamento introspetivo do professor Catalão começava a trilhar o seu próprio caminho no seio da universidade.

— Importa-se de ser o meu supervisor este período? — gritou ela, serpenteando por entre os outros caloiros, correndo atrás do homem pelo corredor, dois cadernos e um livro de capa dura encostados ao peito. — Deram-me as melhores referências de si e sentir-me-ia honrada se pudesse orientar os meus estudos.

Hannah referia-se ao sistema de acompanhamento tutorial vigente na universidade. Uma vez por semana, um aluno ou um grupo pequeno deles, reúne-se durante uma hora com um professor para debaterem o material apresentado nas aulas.

— Não seria adequado, dado que conheço a sua mãe — justificou-se Afonso, esfregando a vista. O ardor intensificara-se. Era-lhe difícil lutar contra a rapariga, o quanto lhe recordava Judite.

— Oh, não é justo — protestou ela, a esforçar-se por lhe seguir o passo apressado. Talvez tivesse exagerado um pouco na forma obstinada como o abordara. — Sinto mesmo que seria muito importante. Não pode abrir uma exceção? Juro que não lhe darei trabalho.

— Não se trata disso. Deveria procurar um *teaching fellow*. São eles os docentes a quem é atribuída a supervisão.

A expressão serve para designar os professores bolseiros, que, em troca da oportunidade de integrar um dos programas de pesquisa da universidade, se comprometem a participar em aulas e outras atividades letivas que envolvam os alunos. Não era o seu caso. Já há seis anos que lecionava em Cambridge.

— Ai! — Hannah estacou, aflita. Ofendera-o. — Desculpe-me, não quis menosprezá-lo. Peço imensa desculpa. Por favor, desculpe-me.

Afonso deteve-se momentaneamente e arrependeu-se da sua brusquidão. Não era arrogante. Somente não podia ter nada a ver com aquela rapariga corajosa e alegre que insistia em acompanhá-lo.

— Vim transferido de outra faculdade e estou aqui há pouco tempo. Receio vir a levantar algumas celeumas se ultrapassar de forma tão inusitada as tradições instaladas — explicou-se melhor. — Posso tentar ver se há alguém disponível, cujo trabalho eu conheça e recomende. Essa seria uma alternativa viável para si?

Hannah agarrou com mais força os livros de encontro ao peito e colocou uma expressão apaziguadora. Suspirou. Apesar da serenidade que procurou demonstrar, era evidente que ficara desapontada.

— Continuarei a tê-lo nas aulas, certo?

— Sim, uma vez por semana, sempre a esta hora. Não vou a lado nenhum.

— Ótimo. Cá o encontrarei, então. — E o sorriso rasgou-se.

Afonso ficou a vê-la juntar-se ao irmão e recomeçou a caminhar ao longo do corredor, procurando acalmar-se do alvoroço descompassado em que se sentia. Não iria olhar para trás. Estava decidido a não ceder aos avanços da rapariga.

Não imaginava sequer naquele dia que, cerca de um ano mais tarde, suportaria, impassível, a mão da mãe, Judite, a queimar-lhe a cara, enquanto ela o esbofeteava com violência diante de um caixão e o acusava de ser o único responsável pelo suicídio da filha.

Muro Ocidental, Bairro Judeu, Cidade Velha de Jerusalém, Israel

Tempo Presente — Seis Dias Depois do Homicídio na Sinagoga de Bevis Marks

Incógnita entre iguais, uma mulher com trinta e poucos anos de idade caminha devagar ao longo da praça sagrada e aproxima-se, receosa, da parede alta que se eleva perante si. Um bonito céu azul protege-a e o lenço da mesma cor que lhe cobre a cabeça brilha com intensidade debaixo do sol forte e quente que incide sobre ela. Deixa-se apoderar pela insegurança no último instante.

Diana respira fundo, morde o lábio inferior e compõe o cabelo em sinal de respeito, escondendo melhor a franja ruiva debaixo do tecido. Ganha coragem, dá um passo em frente e toca finalmente no muro. A desilusão invade-a. Nada. Apenas sente a frialdade dos blocos de pedra em contacto com a pele que lhe veste os dedos elegantes.

A jornalista olha para o lado esquerdo e encontra algum conforto na imagem familiar de um homem que consegue entrever através da divisória que as separa, a si e às outras mulheres, do sexo oposto. O companheiro é mais velho do que ela, com quase 50 anos de idade, o que se reflete nos tons pretos e brancos do cabelo. Crespo e encaracolado, curto como está atualmente, faz lembrar a pelagem de um lobo. Alto, de corpo magro e seco, usa um par de óculos no rosto, apesar de lhe terem sido prescritos somente para ler.

Afonso tem um quipá descartável na cabeça, os olhos fechados num gesto de reverência e a palma da mão pousada na superfície do muro. Parece extremamente concentrado enquanto murmura algo que Diana não consegue ouvir e introduz um papel dobrado por entre as fendas das pedras. Diz-se que os pedidos feitos a Deus são especialmente atendidos quando realizados naquele local. Alguns homens, na sua maioria vestidos de preto, que seguram pequenos livros de preces, outros até mesmo com fitas de cabedal enroladas em torno dos braços, rodeiam-no, dispostos em fila. Há também quem esteja sentado em cadeiras brancas de plástico.

São judeus ultraortodoxos. Os *haredim* ou «chapéus negros», o epíteto pelo qual também são conhecidos, baloiçam-se junto à parede ou agarram-se a ela, chegando a beijá-la. O intenso movimento de invocação é acompanhado pelos *peot*, os cabelos enrolados que lhes pendem das têmporas cultivados desde tenra idade, e vestem-se de escuro essencialmente por duas razões.

A primeira visa demonstrar um luto profundo pela destruição do segundo templo judaico ocorrida setenta anos depois do nascimento de Jesus Cristo às mãos do império romano. O outro nome utilizado para designar o Muro Ocidental – das Lamentações – deriva precisamente desse mesmo sentimento de pesar.

A segunda expressa o respeito por Deus e pela vida, bem como o total repúdio da frivolidade. Os casacos compridos e pretos, as meias brancas e os sapatos antiquados vêm daí, de conscientemente tentarem resistir às influências contemporâneas, agarrando-se à cultura do Leste da Europa datada do século XVIII. E os sons que emitem ao mesmo tempo que rezam fundem-se com o de muitas conversas paralelas vindo de hordas de turistas curiosos e máquinas fotográficas a tiracolo que os observam à distância, gerando um zunido que serve de ambiente a um espaço que mais parece uma sinagoga a céu aberto.

Diana afasta-se e percorre o caminho inverso que a levou até ao muro. Afonso, formado em Finanças pela Universidade Nova de Lisboa, doutorado tanto em Política e Estudos Internacionais como em Política e Cultura Modernas do Médio Oriente pela de

Cambridge, explicou-lhe que os textos rabínicos são muito crédulos acerca da presença divina neste local. Talvez aqueles sibilos sejam a prova de que a *schechina*, a palavra hebraica que é seu sinónimo, nunca o tenha efetivamente abandonado.

A jornalista aguarda que o companheiro termine a oração, percorra a pequena ladeira que os separa, devolva o solidéu e se reúna a si. Notando-a de semblante fechado, abraça-a pelos ombros, chegando-a para junto dele. A mulher vê-o sorrir na direção de um grupo de adultos que se aproxima. Cantam, dançam e batem palmas ao ritmo de flautas e outros instrumentos festivos, à medida que conduzem um rapaz de 13 anos até ao muro.

Estão a celebrar um *bar mitzvah*, o ritual que assinala a passagem à idade adulta, introduzindo o jovem em definitivo na congregação. O equivalente feminino designa-se por *bat mitzvah*, ocorre em geral um ano mais cedo e as expressões significam em ambos os casos filho ou filha do mandamento, respetivamente.

Diana observa Afonso, que bate palmas e segue a comemoração com uma expressão de contentamento, enquanto os dois continuam a caminhar ao longo da praça. O professor encontra-se na cidade a convite da Universidade Hebraica de Jerusalém. O reitor, um amigo que fez na altura em que lecionou em Istambul, desafiou-o para um ciclo de conferências subordinado ao tema da tolerância e convivência inter-religiosa, onde foi o principal orador. Deu a última palestra nessa manhã e Filipe e Ema, o casal amigo que os acompanhou na viagem, já devem esperar por eles. A esposa do colega conseguiu convencê-lo a irem até ao mercado muçulmano fazer algumas compras. Vão-se embora dentro de um dia. Ficaram de se encontrar os quatro depois de um dos vários controlos de segurança do Muro Ocidental.

— Choca-te que eu não sinta nada? — pergunta-lhe a jornalista.

A questão apanha o companheiro desprevenido. Então, é isso o que se passa.

— Como assim?

— Tu olhas para aquele grupo de pessoas e vês uma celebração milenar, um momento de alegria face à integração de um jovem na fé.

Para mim, não passam de homens a bater palmas e a cantar numa língua que não entendo.

— É o meu trabalho. Foi para isso que estudei. O árabe e o hebraico são fundamentais para qualquer aluno ou professor de Estudos Médio-Orientais. Tu estás completamente à vontade num estúdio de televisão. Eu sinto-me perdido e começo logo a transpirar assim que as luzes são projetadas sobre mim, lembras-te?

Afonso refere-se à ocasião em que se conheceram. Ela entrevistou-o na edição da tarde, o boletim informativo que apresentava na altura, a propósito de um atentado terrorista ocorrido há cerca de quatro meses em Lisboa. Foi tão dura e incisiva, que ele chegou a ter pesadelos durante várias noites.

— Não estou a falar disso — explica-se a jornalista, descontraindo ligeiramente.

Vivia infeliz, presa numa relação desgastada, e aquele momento, em que se viram pela primeira vez, apesar de tenso, acabou por lhe dar algo de muito bom. Apesar do pouco tempo que ainda passaram juntos, sente-se apaixonada e amada de novo.

— O quê, então?

— Ao muro. Esperava que me trouxesse, sei lá, algo mais. Dizem que há pessoas que enlouquecem só de se aproximarem dele e a única impressão que tive foi a de frio nos dedos quando toquei nas pedras. Eu até acredito em Deus, tu sabes que sim. Apenas não sinto aquele fervor, a fé, compreendes?

— Já vi serem cometidas atrocidades em nome da vontade divina, Diana. Acredita em mim quando to digo. Não te sintas mal. Deus é todo o mesmo. A forma como O vemos é que é extremamente pessoal. A verdadeira santidade, a crença, está em agir corretamente. Isso, sim, é importante. Além do mais — segreda-lhe ele ao ouvido, fazendo descer discretamente a mão ao longo das suas costas —, gosto do teu lado menos sagrado.

— Professor Catalão! Estamos num santuário. Olhe o respeito — graceja ela.

— Falamos melhor sobre essa parte no hotel — segreda-lhe ele ao ouvido, com uma voz marota.

A jornalista acaricia-lhe a face com um gesto de ternura e disfarça. Acabaram de chegar ao controlo de acessos, onde todas as pessoas que entram são inspecionadas através do raio-X. Ali, a paz e a segurança são indissociáveis.

O par atravessa o pórtico de metal e sobe os degraus de pedra. O dia está agradável, apropriado para um pequeno passeio, e os edifícios recuperados do bairro judeu acolhem-nos. O Estado de Israel reconstruiu-o após a conquista da cidade velha na sequência da Guerra dos Seis Dias.

Cânticos em árabe começam a ouvir-se assim que chegam ao topo das escadas. Afonso faz um esgar nostálgico e retira o telemóvel do bolso interior do casaco leve que traz vestido, apontando-o à praça. Encontram-se numa espécie de varandim, com uma vista ampla e privilegiada sobre o Muro Ocidental, povoado por uma mistura de turistas, locais e até alguns mendigos.

Diana vê-o começar a gravar e remove o lenço que lhe cobre a cabeça. O cabelo, agora curto, reluz ao sol, enquanto a mulher observa também ela o cenário mais famoso da cidade. Lá em baixo, o vaivém dos peregrinos em direção à parede sagrada persiste. Jerusalém irradia uma energia espiritual que ela tem dificuldade em compreender, mas que atrai crentes de todo o mundo, apesar das controvérsias ancestrais que alimenta, bem latentes no domo da mesquita da Cúpula do Rochedo que fica localizada por cima do santuário hebraico. Versos do Alcorão foram escritos nos azulejos resplandecentes em tons de azul que decoram o edifício. Já o zimbório, foi banhado a ouro para que sirva de farol a todo o Islão.

É meio-dia e decorre o *adhan*, o chamamento para a oração, naquela que é a terceira cidade santa para os muçulmanos, logo depois de Meca e Medina. Os crentes multiplicam-se tanto na praça, como por cima, na Esplanada das Mesquitas. O contraste que as palavras em árabe que ecoam pelo ar fazem com a mudez milenar das pedras sagradas que formam o Muro Ocidental demonstram claramente a complexidade do equilíbrio vigente em Israel. Um país onde, apesar da supremacia político-militar do Estado judaico, este templo árabe, que foi inicialmente construído para proteger uma laje sagrada

para ambas as religiões, resiste como um dos seus maiores símbolos. A Cúpula do Rochedo é considerada um dos monumentos mais fotografados à face da Terra.

Diana vê Ema e Filipe surgirem. Vêm de cima, da sempre cosmopolita praça Hurva. Ela traz vários sacos na mão e o casal parece animado. A jornalista deixa Afonso entregue aos seus próprios sentimentos e dirige-se ao par.

O companheiro, que durante a infância recebeu da mãe uma rígida educação católica, converteu-se em tempos ao Islão. Atualmente não professa qualquer crença, mas é óbvio, pelo modo sereno como contempla o Muro Ocidental e a Esplanada das Mesquitas, que é ali, no centro da fé, que ele se sente mais perto de Deus.